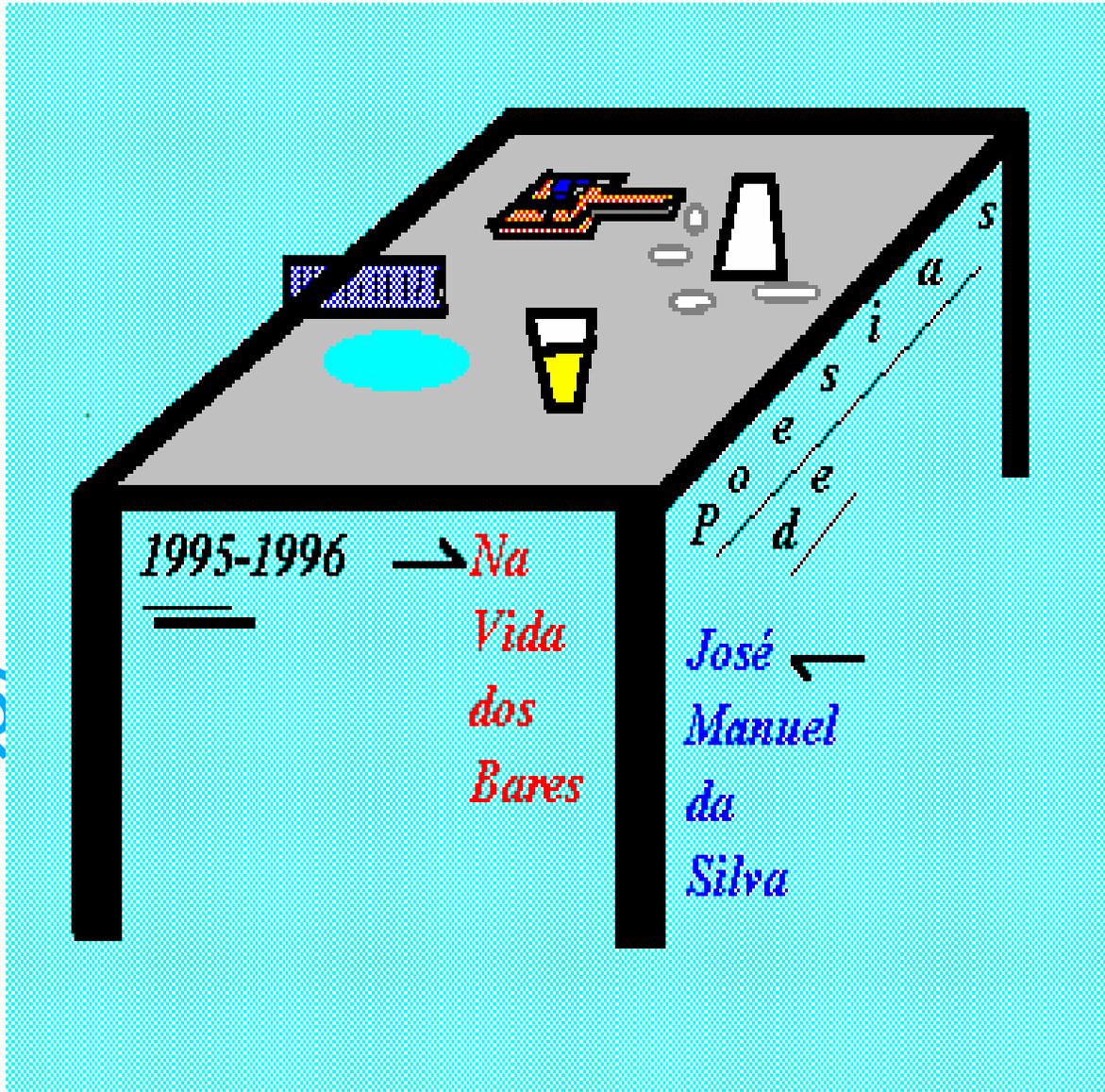


Copy



na vida dos bares

poesias
de
José Manuel da Silva

1995-1996

Copyright



ÍNDICE

FRIANÁLISE	4
Desde la ventana de la universidad	5
CURTÓLOGOS	6
A jovem das pernas morenas da aula de literatura	7
CENAS DE BAR	8
de tudo um pouco	10
Um homero de plantão	12
!	14
três momentos com o príncipe da arábia	15
PEQUENO RESUMO DE VIAGEM	17
A RUA	19
CONFISSÕES À LUZ DE UMA VELA INEXISTENTE	22
DEPOIS DO TERCEIRO COPO	24
SONHO PASSAGEIRO	25
Respingos de pensar em papel de mesa de bar	27
DIANA	29
PROVERBIAL E ABISSAL	30
<u>aLterNÂncIas</u>	31
SAMBA	32
FIM	33
REFERÊNCIAS	34
DROPLETS	36
SONETO ÀS AVESSAS DO AMOR ABSURDO	39
NACOS DE PSEUDOPOESIA	40
Uma Linda Mulher	44
Enquanto espero o fogo	47
Ainda uma loucura	48
Sentido Mudo	50
Ode aos Impressionistas	51
A lágrima do vinho e da poesia	52
FEMINAE	53
AMORES	54
Saia justa	55
Medo infundado	56
CARPE VITAM	57
Me permita... ..	59
Trechos de um grande poema	60

FRIANÁLISE

Somente o angustiado
Compreendeu e viveu
Razoavelmente,
A essência da vida
Aquele que conhece
Profundamente
É
Definitivamente
Um suicida.

Quem vive muito bem
Despreocupado
Realizado
É
No fundo
Um grande
Irremediável
Conformado
O verdadeiro
Derrotado.

Rio, 1995.

Copyright

Desde la ventana de la universidad

A favela me espreita com luzes tremulantes
Cada uma um coração desnudo
Que o deus resolveu abandonar
Meus olhos não a veem na impotência do consenso
Na verdade eu não sou nem o que eu penso.

A favela só existe no estupro da doutora
O povo com certeza não é bem o povo
Ora uma urna eleitoral, ora uma urna funerária
Os olhos, do alto, ficam cegos
No fundo de pavor da crua e nua realidade.

A favela é um poço de ironia
A tese do antropólogo e o soco na escritura
As luzes são olhos brilhantes sonhadores
Que piscam na certeza da incerteza
E no cansaço da irremediável impossibilidade.

A favela é a verdade despida
A desculpa arguta
De um governo hijo de puta.

Rio, 1995.

Copyright

CURTÓLOGOS

Sempre estou
Nunca sou
Só vou

Coração
Tensão
Rendição

Procuro
No escuro
A cara no muro

Cortei
Açoitei
Matei

Doeu
Correu
Sofreu

E aí?
Senti
Caí

A hora
O agora
A demora

Que tudo isso é uma festa
Bastante indigesta
E funesta.

Rio, 1995.

Copyright

A jovem das pernas morenas da aula de literatura

Tento decifrar a matemática literária intuitivamente sugerida a mim por suas pernas lisas e morenas
Uma equação irresolúvel
A conta redonda do impossível
Gostaria de ir ao centro da raiz
Meu y em seu x
No ponto equidistante dos pelos louros que reluzem
Minha surpresa se ressentida da emoção
Imagino estas coxas divididas em um par
E no ímpar agitado de meu sexo, calcular
A soma do meu prazer no gozo seu
Dentro de você a minha morte
E essas pernas morenas,
Gostasas,
Brilhosas,
Me sufocam muito forte.

Perdoe a verdade crua e abjeta de meus versos
Mas se não posso compor uma canção
Ou fazer você de novo em escultura
Me inspiro em vaga e pobre literatura
E homenageio sua beleza esbelta em diabrura.

Sinta-se mordida, lambida e afagada
Pelo suspiro ofegante de meu êxtase abstrato
Sua presença é a excitação de meu desejo
No fim da aula a memória diáfana
Da inexistência de um lascivo e eterno beijo.

E olhe que eu não falei da alça caída de seu vestido...

Rio, 1995.

CENAS DE BAR

Todas as mulheres se foram
Digo,
As disponíveis
Digo,
As comestíveis
Ou seja
As bucetas
Que são o tema deste
Poema.
Digo,
O amor
Que no fundo
É uma buceta com teor.

*

No fundo
E não me deixam mentir
As frequentadoras deste bar
No cu do mundo
Filosófico
Tudo na vida se resume no sexo
Imagino a buceta
Desta menina em frente
Com cinco homens ao redor
Solitária
La bucette d'or.

*

Os casais
Os garçons
Os gerentes
E os cheques sem fundos
A saudade
A solidão
De uma cuba
Com a devida
Sofreguidão.

*

Deixo em aberto
A solução do problema
Profundo demais.

*

Tudo, na verdade,
É um coçar,
É um sentir,
É um roçar,
É um tremer
O homem e a mulher
Um pensamento em uníssono
A busca do prazer
Traduzida em foder.

*

A buceta e o resto
Eu que penso e não presto.

*

Olho essa gente
Carente
(porque quem bebe
repete)
E sou de mim a agrura
De vossa vã literatura
Que sofre...

*

No fim não reduzo a opinião
A buceta é o sim e o não
Tudo gira tudo é desejo
É o momento, é o ensejo
É a bebida
É o som da voz da mulher
Sensual
O lambar do sorvete, a colher
O tesão
A punheta
Se der.

*

Peço a conta
Frustrado e contente
Vou pra casa
Assustado e demente.

*

Bebo sozinho
E filosofo no bar
Comigo mesmo
Num pensar sem pensar.

de tudo um pouco

Nunca recebi flores.
Mas de que serviriam elas
Se eu não sei rezar?
As luzes excitam
Os ruídos irritam
E no mais somos todos iguais.

Um dia está frio
Outro está quente.

Há mulheres que mentem
Enquanto outras só sentem
O frio da espinha me basta
Do amor a cólica nefasta
O cenário do mundo me assusta
Os pensamentos que tenho também.

Num dia quero ser rei do mundo
No outro morrer e sofrer.

Ah Liszt que tanto sofreste
Ah Mozart que não te benzeste
Beethoven que se o mundo ouvisse
Não deixaria que Grieg partisse.

Jamais me lerão as palavras
Jamais me ouvirão os sinais.

Há seres que fazem sucesso
Outros que levam vidas normais
Alguns só fazem progresso
Outros os invejam atrás
Queria ser o inventor de um lúdico-poema-verdade
E exercitar
A dos outros curiosidade
Das mulheres a concupiscência
Dos homens a incoerência
Tenho muito a dizer alma minha
Ainda
Pois a alma só vive sozinha.

O homem é um escravo da vida
Mas a mulher já curou a ferida.

Ah criança!
Que amor me desvelas
Teus cabelos louros
E os sonhos tão leves.

E o relógio bate
E a vida passa
E o desejo expira
Porque ninguém é de ferro, ô babaca.

Rio, 1995.

Copyright

Um homero de plantão*(para Nelson Rodrigues)*

Todos os olhos me olham
E eu olho para todos
Sem discriminação
Sem perdão, uma verdadeira ebulição
De ideias que vêm e que vão em assustadora sucessão

São desejos fugazes que não fazem verão
Pensamentos audazes que me cobram posição
Enquanto a vida passa sem me perguntar se deve
As vontades se assenhoreiam
De uma mente já meio embotada
Uma espécie de vinagre astral
No componente espiritual
Pois é o que se ouve na mesa ao lado
O bufão intelectual da razão do pecado

Na verdade
O que eu queria dizer,
Nelson,
É que passa *tudo* e vai embora,
Chico,
E a gente só sente o depois da emoção

Passa a puta porta afora
Veio mijar pra fingir que se excita
Senta o barbudo com ar de petista
Com a morena e o jornal pra fingir que medita
Grita o delegado com o revólver na cinta
Com a família pra não dar na pinta
A noite cai e publica suas criaturas
A fala mole e o cansaço de servir
O milésimo freguês já de porre
Que vai encontrar o erro fatal na fatura
E a mulher que me falta terá de ser impura

E deus então abandona a praça
Que algum poeta se lhe ache graça
Com rima pobre ou com rima rica
Com emoção mas sem a dor que fica

Pois haverá sempre um homero de plantão
Para narrar os fatos que fazem a vida vida
Seja cantando ou falando
Seja sentindo ou pensando

A moça da mesa à frente
Já cruzou as pernas de novo
Na certeza de que o rapaz lhe apraz
E os demais se amoldam ao que os trouxe aqui
Uma paródia grosseira
Do meninos eu vi.

Rio, 1995.

Copyright

!

Os pais se divertem no sexo
Enquanto a criança cresce
Incoerência da humanidade
Ou mera inexistência de prece...
Ou mera diferença de idade...

Rio, 1995.

Copyright

três momentos com o príncipe da arábia

nosso amor é a culinária perfeita
 a dose exata dos elementos
 o amargor em doce alento
 te quero toda pois te quero em ti
 nos envolvemos e eu nem senti

a vida é curta
 e a vida é breve
 o amor condena
 o gozo prescreve

se meu coração fosse uma poça d'água
 tu serias o inaudito pé
 que diz axé

quanta besteira
 no coração de quem ama
 que fêmea matreira
 que me reclama

*

i have a very unstable relationship with life
 it kills me slowly, and i don't care
 it soaks my brain, in terms of alcohol,
 time is a train that's headed nowhere

So what's the trick Mr. President?
 I'm giving vent to my
 unfavorableness

whatever that means, i'm out
 the frozen ship
 the salty dip

when i'm sober
 i can't relate
 when things get worse
 I can debate

*

lembro da stella
que coisa boa
que mulher forte
que coisa boa
e a alice
que mulher útil
pena que eu era
um homem tão fútil
a doce marcia
a tão primeira
ah que saudade
teu corpo cheira
e sonia então
a minha vida
nunca tão triste
uma partida
e minha vera
meu caso sério
não estarmos juntos
um despautério
e tu Augusta
indecifrável
tudo em nós haure
o incontestável
e tantas outras
de toda sorte
eu mesmo impus
a minha morte

o sexo
atormenta
o amor
desorienta
o sexo
atormenta
o amor
desorienta

Rio, 1995.

PEQUENO RESUMO DE VIAGEM

É que se me quedo um pouco triste com a vida
Como sempre
Alguns pensamentos abstratos
Eufóricos, sensuais, utópicos ou anormais
Como sempre
A vida se me chove um quê de maresia noturna
Música variada, sons harmônicos
Como nem sempre
E a necessidade de não ir a lugar algum
Mas não se pode ficar bêbado todo dia
Como sempre
Faz um pouco de frio
As crianças brincavam e não brincam mais
Como sempre
A noite do Porto, as manhãs de Évora
As catedrais assassinas de Toledo
E os vinhos doces de Fernando Pessoa
Entremeado tudo pelas artes de Paris
Como sempre
Os detalhes dos souvenirs
E as preocupações do devenir
Me esperam no fim do mundo
Após a síndrome de tudo conhecer
Infectado pelo vírus do cartão de crédito
E a Espanha com seus astrais
Ah Barcelona, que sonhei,
Com as mulheres que não terei
Os dias passam como as nuvens num céu inexistente
E as noites chegam com seu bafo indolente
Como sempre
Na saudade do Além-Tejo a aridez de um coração solitário
Que escreve linhas breves e insossas
Como sempre
As estátuas e os troféus
As notícias e os pitéus
O indefinir do amanhã
Como sempre
A necessidade inerente e passiva do voltar
Como sempre
As cidades se repetem e os olhos se ressentem
As praças e as mulheres
As linhas e os números
São detalhes que não interessam a ninguém
São pessoas que passam também
Como sempre
As línguas, os jornais, os interesses
O sexo, a pintura, as retretes
Os turistas se dividem entre as fotos e as comidas
Os desejos convergem para as xoxotas e ermidas
Como sempre

Os hotéis e as moedas
Os invés e o peso do acompanhamento
E tudo são imagens tão furtivas
E todos são personagens tão contidas
Como sempre
A garçonete sexy do café
O seio num vislumbre de decote
Ah que ainda consigo me apaixonar
Toda noite
Como sempre
E ainda consigo discordar
Do mundo
E optar
Pelo fundo
Como sempre
As férias que se acabam
Pensamentos que deságuam
Em ritmos circulares de aventura presa
E burguesa
Como sempre
Volto para o nada que em tudo deixei
Acaba a sonhada noite inexistente que esperei
Como sempre
E em Portugal há portugueses
E na França há franceses
Na Espanha espanhóis
E nos hotéis são os lençóis
Que aglutinam os pensamentos
Que apaziguam os sentimentos
Como sempre
Que bonita aquela igreja
E tão charmosa a mulher
O trem ligando o nada a lugar nenhum
E eu entre o sábio e o bebum
Como sempre
As letras se ressentem de mãos hábeis
As cidades de dinheiros e homens ágeis
Como sempre
O oceano, o rio e a montanha
As reses, o forno e a gadanha
E o carro e o navio
E o rico e o gentio
E o cheio e o vazio
Como sempre

Viana do Castelo, set/94.

A RUA

*(sobre um quadro de Ieda Pinheiro, retratando Sta. Teresa)
(rodeado pelas sonatas de Beethoven)*

A quem pertence esta rua?
A quem a pintou
Ou a quem por ela passou?

*

Áurea rua de cores nuas
Uma esquina simpática
A calma aparente do vazio em tons nervosos
Na intensidade desesperada do céu azul
Os carros parados o terraço abandonado
Viv'alma de fora
Pessoas poucas que esperam cessar a chuva inexistente
Como o poeta que espera terminar o acesso da inspiração que na verdade nunca vem
As cadeiras sem gente
Talvez porque se foi embora o último bêbado do lugar
Deixando a garrafa pela metade
Como a alma de quem tem arte e que na verdade nunca parte
Para parte alguma
As cores da vida convidam à não-vida da anestesia boêmia

(mas o artista foi embora, no testemunho da garrafa largada, disparatadamente abandonada)

O que está escrito no céu nem sempre responde à objetividade da terra
Mesmo perante a eterna suavidade-em-meio-a-impetuosos-arroubos de uma sonata de Beethoven
Enquanto o luar da canção se reflete sem direção no amarelo da pintura
E chora a imobilidade da rua
Como chora a mulher que não quer ficar nua
Como chora a palidez inconsciente e irremediável de um doente
Como chora o poeta da voz inexistente
Que para enganar-se a si mesmo pressente
A irreabilidade de pensamentos ilusoriamente supérfluos
Visto que a arte é supérflua
E a realidade enganosa
Em qualquer sociedade que por definição é lodosa
E um pouco maldosa
Mas são as rimas do lugar-comum que despertam a humanidade
Para a suicida existência morbidamente apagada do ser
Em meio a sua luta para ser mais do que seu próprio haver
Sem querer

*

O artista não tem brios
Tampouco escrúpulos
Tem veleidades
Em sua espontaneidade absurda

*

A pintura se ressentida da música
 Como a rua não subsiste sem o ruído
 Dolorido
 Pois a rua reflete o sentimento de quem por ela passa
 Exausto de trabalho
 Culpado de adultério
 Acachapado pela morte
 Inebriado de tanta alegria
 Mas na rua do quadro não passa ninguém
 Não há um porquê, e sim um porém
 Só que ficaram nas tintas invisíveis ou nas entrelinhas do traço
 As dores, mágoas e etéreas felicidades dos passantes que se foram

*

A pintura absolutamente existencial seria toda branca
 Como na mistura de todas as sensações humanas
 Na verdade insanas

(porque é insano ser alegre em meio a tanta pobreza e destruição e porque é insano ser triste no seio de tanta pressão)

Por isso o artista pinta em cores distintas
 Reproduzindo a incapacidade da perfeição tão simples do ser
 Ser que se entrega
 À bebida, ao amor, ao trabalho, e pior de tudo aos devaneios artísticos
 A pintura é o grito de quem pinta
 E a poesia é a lágrima de quem perdeu a tinta

*

A tela exala os espectros rusticamente emoldurados por pinceladas um tanto errantes
 Talvez como o medo do artista de dizer toda a verdade
 De uma só vez
 Talvez como a incapacidade do artista de retratar uma realidade no fundo vacilante
 Total insensatez

A áurea rua está deserta
 de espíritos coberta
 dourado esmaecido – o absurdo
 azul penetrante – o pesar de luto
 vermelho desfigurado – o coração mudo

As cores se mesclam umas nas outras
 Diluem-se de tom em tom
 Num verdadeiro degradê da existência
 Como o amor que se transforma em ódio com o passar do tempo
 Em processo irretocavelmente lento
 Uma irreversível obra de arte

E que sempre pintem os pintores
Que componham os compositores
Que admirem os estetas
E que – acima de tudo – sofram
De bom grado os poetas.

**O poeta é um sofredor
Sofre tão conscientemente
Que pinta a dor
Que sente no membro dormente. (desculpe o verso à toa e mais uma vez obrigado, ó Pessoa)**

Rio, 1995.

Copyright

CONFISSÕES À LUZ DE UMA VELA INEXISTENTE

São só sonhos
 Aliterados
 Em pensamentos
 Ilustrados
 A noite quente embala o som da vodca
 Que alivia o desespero do ser perante a certeza
 Inconfundível
 De viver

Mas, meu filho,
 Você é tão jovem
 Tem a vida pela frente
 E nunca nem ficou doente

Onde foi parar o aprendizado escolar
 E a amizade pueril
 (A rima vem tão óbvia
 E a censura tão gentil...)
 No coração da alma deve existir um paraíso
 Tão preciso
 Que a gramática se ressentiu das palavras insalubres
 Onde o amargo da existência
 São momentos de dança de salão
 O corpo colado, o beijo molhado, o sexo rasgado

Mas, meu filho,
 Deus é o nosso redentor
 Ele redime os pecados
 Do Lúcifer destruidor

O cristo me olha pelas costas como sempre
 A ajuda invisível que não vem
 Um mas sem o também
 A grandeza microscópica da felicidade abandonada
 Na pobreza caleidoscópica da amizade revogada
 O sal da terra
 A doce paixão
 Da resplandecente escuridão

Mas, meu filho,
 Nosso amor é tudo
 É o cheio sem vazio
 Mesmo no silêncio mudo

Devaneando em calamitosos pensamentos abstratos
 O ser é narcisista
 E ufanista
 Pavoneado com sua pseudoabrangência escatológica
 E as letras,
 Essas volúveis,
 Servem a qualquer senhor – desejos fúteis
 Mercredi em alemão é sexta-feira
 Nas estrepitosas mostras de saber
 Na presunção fingida dos literatos de aluguel
 – Maldita brancura do papel
 Onde se imprime o casamento e o fel

Mas, meu filho,
 É preciso sublimar essa pulsão
 Engavetar o solilóquio
 E o processo de autodestruição

Flui manso em sobressaltos o rio Lete do pensar
 O rio tem contrastes
 O ser humano tem desastres
 Viver no fundo é o equilíbrio em bicicleta de uma roda
 Sem freio na ribanceira do aproximar-se a morte
 Sorrateira
 E certa
 E de que adianta lembrarmo-nos da morte
 Se ela jamais rima com sorte?
 No apagar das luzes dos prédios vicinais
 Chega o sono anestésico que prepara o novo dia

Mas, meu filho,
 Se você não resistir
 O sono não alimenta
 E você,
 Com a alma em chamas,
 Vai partir.

Rio, 1995.

DEPOIS DO TERCEIRO COPO

Vamos seguindo
Na busca sem fim
O tiro no escuro
O som do jasmim
E o teor que sem cor recomeça
A história que se finda sem pressa
O politicamente correto passou
A nova ordem do mundo estourou

A vagina que fede
E o homem que pede
O prazer que impera
Numa noite de espera

Você viaja no seu anjo da guarda
Você viaja no seu lado espiritual
Assim dizia a menina
Gostosa demais
Distante e sem gás
Porque as uvas estão verdes...
Na mesa do lado
O assédio frustrado
São preceitos religiosos
Previstos nos desejos nervosos
De uma meia-saia na coxa
De uma libido frouxa
Enquanto a mecha escarlate se impõe

O dia se acaba
Em noite macabra
Um suor mais matreiro
Meu luar inzoneiro

E a pergunta se nunca responde.

•
•

Rio, 1995.

SONHO PASSAGEIRO

Quero ter a liberdade
De flertar sem minha mulher
Sem traí-la
Para senti-la
Melhor.
Pois o amor verdadeiro
A gente sabe
De cor.
A mulher sente
O que de longe
Presente.
O homem
Egoísta
Se trai
No irreal da conquista
Vã ou concreta
Aludida e discreta.

E pra terminar
Um toque de classe
Ah, mulher,
Se você me olhasse...

Rio, 1996.

Copyright

Respingos de pensar em papel de mesa de bar

De que adianta saber latim
 Se não sei de mim?
 Dissecar a poesia de Molière
 E recitar o teorema de Pasteur?
 Tudo o que a vida me expõe sem grande alarde
 Tem um eco rasteiro em meu pensamento
 Uma certa abstinência
 Uma total incompetência
 No frigar dos ovos da inconsistência
 Mas não era isso o que eu queria dizer
 Já fiz infeliz a tantos
 Tantos mandos e desmandos
 Que a pena do pensamento é até leve
 Mediante este forçado direito de greve
 De que me vale o tinteiro
 Se não sou eu mesmo por inteiro?
 Dependo para viver do gozo artístico de outrem
 E mal soletro a primeira coisa que fiz ontem
 Mas são só palavras
 Que ninguém cantará
 É só uma ressalva
 De que não se lembrará
 Um reles poeta cubaliberado que não tem lugar ao sol
 Nem à lua
 Que daria a vida
 Agora
 Por uma mulher cobiçada
 Nua
 Mas a fama
 No fundo
 É um dilema profundo
 É uma estátua quebrada em essência aristotélica
 Um parecer inoportuno de um pintor renascentista
 O rococó da cultura em desprezo
 Da medida o insopitável peso
 E a rima insiste
 Há tanto tempo...

De que adianta tudo isso
 Se a essência tem permiso?
 De que me valho se não curtem beethoven?
 E no nordeste
 As dores também se movem?
 Analisem a linguística
 E a pseudopossível estilística
 No líquen da desgraça
 No hímen da trapaça
 Que o sexo importa, só,
 Quando se abre a porta.

Meu último alento
 Que ainda o tenho
 É este momento
 No ritmo panamenho
 Já fui tanta gente nesta vida
 Que me esqueci de afastar
 O cálice da tentação
 Que inibe
 Que denigre
 O deus da emoção

*

E no auge da desgraça
 Uma alegria assim astuta
 Me enganou como uma puta
 Mas as putas são delícia
 Que se esmeram na carícia
 Eu amo as putas
 As putas verdadeiras
 Aquelas que sentem por prazer
 Aquelas que gozam por querer
 (que as há)
 O hedonismo esperto e oportuno da melhor do harém
 Que satisfaz a quem não tem ninguém
 Adoro as putas
 E adoro as putas
 Mas no fundo
 Sou um mero espectador da vitória alheia
 Da mocinha que, na curra, esperneia
 A emoção é vida
 Mas a vida não é sempre emoção
 O animal humano padece
 Se esquece
 Se aquece
 Na prece
 E o artista é um possuído
 Um ser traído
 Pela existência que lhe prometeu as glórias
 Pela ausência que lhe cria histórias
 Os anjos também divagam na noite
 Bêbados do terror de voltar ao jugo divino
 À correção
 À contenção
 À anulação
 Devem-se orgulhar os seres
 De serem alheios à convenção
 A arte é tudo, o resto é nada
 Vivo pela arte de observar o mundo
 Morro pela sorte de ferir profundo
 Nos beirais da impotência humana
 Talvez se encontre a coerência divina

Ah se uma mulher me aparecesse
E me fodesse em minha boca aberta
E me amasse em sua vida incerta
Ainda que por um momento de esquecimento trágico
Ainda que em devaneio de um desleixo mágico
Que em mim pingasse do suor
A gota da pura sabedoria
(O mero contato com a carne um profundo ensinamento
Que me faça sentir macho
E que me obrigue a fazê-la mais mulher
Por um segundo, não importa
O segredo do sexo e do amor – a faca afiada que não corta)
E ejaculasse poesia
Sobre a minha pele espiritual
Eu, que me recuso a ser mortal
Eu, que em minha vaidade sem fim não tenho igual
Como igual não tem ninguém
Só quem jura, imbecil, amém
A existência é pouca para o dizer de um poeta
O tempo é nada para o que quer dizer a arte
O computador jamais perceberá as nuances de um pensamento amavelmente absoluto
– thank you chico!
Seu puto
Ele já nasceu de luto pela morte da iniciativa pensante
Da arbitrariedade cantante
Daria tudo pelo conhecimento do mundo
Mas o dinheiro me falta
E uma mulher alta
Aliás, adoro as mulheres
Trabalho com elas, durmo com elas, existo com elas
Jamais viveria com elas
Por medo de me igualar, por medo da simbiose
Que é do pensamento a artrose
A mulher é mais do que o homem
Acredite quem quiser
O homem mais masculino
Só confia na mulher
Pois do oposto se fez a verdade
E a luz e a claridade
No mais tudo é eterno
Durante o inverno
E a rima não me larga
E a lágrima me embarga
Que já não sei de mais porra nenhuma
É tudo incoerência no meio da maledicência...
Ai, que merda!
Esqueci da hora do jantar.

DIANA

(para a violoncelista da OSB)

Preciso me tratar
Há muito não chorava assim
As lágrimas rolando partes de mim

E a música é tão linda
Teu espírito deve estar por aqui
Ou o que quer que seja
Que queiram chamar-te a ti

E a celista louira

A harpa e a flauta num diálogo etéreo
Se etéreo quer dizer divino,
Numa outra esfera,
As notas se aproximam
Se combinam
E se tocam de prazer umas às outras

Não é normal
Tal música é celestial
Meus ouvidos bebem o toque de dedos angelicais
Da harpista bonita
Do flautista hedonista

E me excita a celista louira
Na frustrada investida auditiva do connaisseur
No fundo
Sou um verdadeiro,
Exótico,
Maldito e pervertido voyeur

Olho a música com o som dos cabelos
Ouço a música com o cheiro do amor
E tu, Mozart,
A nos saudar
Cândido e jocoso
Cruel e saboroso
Com o desejo da flauta dentro da harpa
A busca incessante do prazer
O encontro e o desencontro

Choro de beleza inaudita
Que sexo algum aplaca
Só a mente do artista
Que conhece a beleza infinita.

PROVERBIAL
E
ABISSAL

Minha mente é um turbilhão
Não consigo parar
Vou explodir de tanto pensar

pensar é bom
pensar é ruim
é o mundo todo
dentro de mim

O pensamento parece uma mulher boa
Que eu como em um segundo
Quando começo a pensar
A minha casa é uma caixa craniana
Una casa sin ventana
Qu'inda vai me machucar

e o interminável
é abominável
expressão dolorida
do indissociável

Que o poema resiste
Enquanto a dor
DA VIDA
Persiste.

Rio, 1996.

ALTERNÂNCIAS

poesias
de
José Manuel da Silva

1996 - 1997

COPY

a L t e r N Â n c I a sSAMBA

Um samba em palavras
Foi o que deu, agora, a música de minh'alma
Uma melodia simples
Que é pra manter a calma
A alma é branca e negra
E aí começa a divagar
Isquidum dum dum.

Rio, 1996.

Copyright

FIM

Perdemos a rima do nosso amor
Tua presença já não alivia a dor
Da existência
Da abstinência
Da imprudência.

Perdemos o começo de nosso fim
E fomos direto ao desgosto profundo
Aquele odor de nojo do mundo
Nosso amor é só melodia
O ritmo se foi atravessado
Enquanto pintamos um novo quadro

Ganhamos a tristeza de nós dois
E um sentido presente do depois
Aqui
Por ti
Senti.

Rio, 1996.

Copyright

REFERÊNCIAS

Meu prazer é te assanhar
Te excitar
Te enrisar
A vida seria boa se pudesse vivê-la a você
Queria te levar a um lugar
Onde só existe um único momento eterno
De prazer
De conhecer
De aprender
De sofrer o infinito morrer que é o amor
Sincero
Desespero
De não poder nadar no desaguar de uma paixão duplicitada
Dificultada
Somente pelo inexistir
De um possível amor maior que o tempo eterno no inferno
Maior que o inverno
De ser sozinho
Ou comezinho
Quando o sexo invade o amor
Com a mão faminta por baixo do teu vestido preto
E o olhar se fecha perdido sem medo para o que sobra do mundo
A convulsão chega a ter cheiro no espaço
Em torno de quem se entrega a alguém
E é só aí que a alma se desnuda
Sem dúvida
Obsequiada com o tormento atroz de prolongar o gozo
Do esposo
E no encanto
O amor é tanto
Que nunca acaba
Minha dor é ter certeza
Que tamanha beleza
Com a obscena falta perdoável de pureza
Não ocorre
Para o ser que se morre
Em poesia inescutável de amor e dor
Sou no fundo
A cassandra de um poetismo fecundo
Sou na verdade
Um sentimento de marota puberdade
A mulher me inspira a sagacidade
Mas me produz a veleidade
A mulher que me ama despojada
Me faz macho
Eu acho
O homem só se dá de vez a uma mulher
Que o faz entender com um olhar que ela o quer

O homem mata por desejo
A mulher morre por um beijo
Daí a grande e insolúvel diferença
Entre a busca e a entrega
Entre o que esquece e o que se apega
A procura incessante
A afirmativa do querer
E a loucura inebriante
O sentido verdadeiro do prazer

Que filosofia, que nada
Eu quero mesmo é ver você pelada...

Rio, 1996.

Copyright

DROPLETS

Fui lá e voltei
Saí e fiquei.

→

Por aqui minha senhora
Mas aqui é a rua
E agora vamos embora.

→

A lista da blusa
A mama reclusa
O olho fatal
O tesão infernal.

→

O mundo gira
A página vira
Quanta besteira...

→

O amor de óculos me sorriu
O tesão de tédio me vestiu
O prazer de tênis me hospedou
O amém de saia me irritou
De tanto procurar alguém
Em tudo vi ninguém.

→

Por que pergunta o vento
A ela
Por que não nasceu cinderela
Em vez de isabela?

→

Maldita seja
Se comigo esteja
E deus nos proteja!

→

Um eco
Distante.
Acabou.

→

Copyright

Um dia deus descerá à terra
 Montado em seu anjo possante
 E dirá gayatamente em braile
 Que o céu já não é tão pavoneante.
 E que o triunvirato fantasma dos ébrios mistificados já não é tão provocante.

→

O amanhã chegou.
 E agora?

→

E por tudo isso, não há futuro que agüente tanta expectativa...

→

A moça entrou
 E se calou
 O ambiente sorriu
 E se partiu.

→

Escrevo a lápis o meu amor por você
 Pra apagar mais fácil
 Se te perder.

→

Sempre misturo
 O tu e o você
 Talvez porque você
 A rigor não seja tu
 O que eu queria mesmo,
 Bom, deixa pra lá.

→

Ih! A calcinha tá suja...

→

Nonsense barato
 Teor exato
 Teorizado
 Alado.
 Provocante
 Em fado
 Enfado
 Em um instante
 Ousado
 Ou o bardo
 Com sua alma
 Falante.
 →

A moça de chapéu
 Meu desejo ao léu
 Não vai dar boa coisa
 Nem coisa boa
 No mínimo
 Uma trepada à toa.
 →

Vozes e vozes e mais vozes
 E vozes e vozes e vozes
 E ainda vozes e vozes e mais vozes...
 →

Tudo
 Resto
 De algo
 Fundo
 Vazio
 Nada

•

Rio, 1996.

SONETO ÀS AVESSAS DO AMOR ABSURDO

Escrevo sobre o tesão do amor
Que guardo em pureza pra você
E você diz que é bobagem

Discorro pela margem da poesia
Que é a essência da alma da mulher
E você diz que é galinhagem

Se falo de sexo
Pra você não tem o nexo
Se te encosto a mão
O meu desejo é em vão

Te sinto distante desde o início
Numa tentativa de viver o idílio
De ter você numa viagem

Melhor mesmo é esquecer de vez, então
Quando falo eu perturbo o teu ar.
Nosso encontro foi cupido de passagem.

Rio, 1996.

Copyright

NACOS DE PSEUDOPOESIA

a cama
o cheiro
de mofo

o delírio
a vida
em cores

a paz
o ser
vitais

desespero
morrer
jamais

→

O doce resseca o amargo
Da existência
En tu presencia.

→

Ai!
Que eu lembrei
Que amanhã é segunda-feira.

→

A vida escorre
Pelos dedos da procura
Do prazer
Pingando desgosto
Pelo chão.
Pois então.

→

A
Luz
Não
Ilumina
Um
Coração
Calado.

→

Eu só queria um tempero baiano
Na minha pobre vida amorosa
Algo assim como um enxerto sacano
No talo carinhoso de uma morena gostosa.

→

E vai
E vem
O porém.

→

Copyright

Ah, mas que rima imbecil
 Meu amor,
 De entediado,
 Sumiu.

→

O troco
 Do amor
 É a falta
 Que faz
 O instante
 O durante.

→

Que tal
 Abolir
 A escravatura
 Do teu sexo em flor?

→

Aquela menina já deu
 Aquela menina morreu
 Alguém diferente nasceu.

→

O dia
 Morre
 No som
 De um
 Jogo
 De futebol.

Que nojo!

→

Nosso calendário parou
 Nossa bomba de tempo estourou
 Nosso amor, parece, já secou
 Mas valeu pelo que dele sobrou.

→

Adeus meu fado
 Me mato
 De sono outra vez
 Pra renascer
 Esgotado
 Amanhã
 Um poeta sagrado
 Numa vida pagã.

→

Copyright

Amor esquisito esse teu
Que a meu corpo nunca se deu
Vou me rimando de bar em bar
Vou me encontrando de par em par
E no que te diz respeito
Dá-se um jeito.

→

O amor só nos leva
Esperando que alguém nos traga
Mas a comida fora da geladeira
Estraga...

→

O poeta vê
Aquilo que ninguém sente
Dilacerado
Seu verso é sangue quente.

→

Nosso amor
Era semente
Que não germinou.

→

Um verso a mais
E o poema transborda
Um beijo traz
Mais do que o coração comporta.

→

Mas quem se importa com a paixão do poeta?
Que geme a letra
E enfeita
A morte
Com sua sorte?

→

a dor
de ser

→

Há mais filosofia no olhar
Do que na forma de amar.
Será?

→

Alterno o belo com o efêmero
A vida breve com a boemia
Pois assim é a pura emoção
Altos e baixos de uma insossa paixão
Alterno o aqui com todo lugar
Que sou eterno em meu pensar.

→

Quando será
Que o mundo descobrirá
Que eu vivi
Somente para ti
Ó Poesia em fogo da solidão
Acompanhada de incompreensão
Chama que lembra a partida
Deleite que consome a vida.

Rio, 1996.

Copyright

Uma Linda Mulher*(para C. L.)*

Tantos homens desejam a linda mulher
Loura, esguia, de cabelos compridos
Que caem sobre o negro do vestido
Emoldurando os seios apertados
Estrategicamente planejados
Tantos trejeitos e frases de efeito
Os machos disputam
Quem será o eleito?
Ignoram a falsidade, o artifício e o teatral
Em presença deste corpo escultural
Tantos homens fantasiam com a linda mulher
A mão por entre as pernas, um despido sensual
Aquele grito de prazer premiando a conquista no final
E ela, impassível, prossegue em sua tarefa insaciável
A tentativa de contornar o incontornável
Uma barbie do intelecto representando a autoestima exagerada
Um talento inexistente numa figura impressionante e ebuliente
Tantas mulheres que invejam os suspiros que ela inspira
Deprimidas, talvez, com tamanha abundância gestual
Será feliz na cama?
Terá muitos homens ao dispor?
Como conseguiu ela se impor?
Perua!
Exibida!
Eu quero você toda nua!
Tantos homens que ignoram suas falhas culturais
Tão parca inteligência em cabeça tão bem moldada
A massa cinzenta que vazou e amarelou
Fios de ovos pendurados, a medusa que é um show
Há mulheres que nascem na verdade uma buceta
Onde por acaso crescem-lhe alguns membros ao redor
Outras há que, mais mulheres, usam melhor sua ampulheta
O centro da mente que invade o centro da paixão
Pra depois reverter e voltar a ser razão
É a diferença entre o desvario do prazer
E a loucura de saber, de situar o próprio ser
Tantos homens que não pensam nestas coisas
Tantos que esquecemos da existência necessária
Em troca de momentos de sensualidade inscrita berrantemente na irreabilidade
A mulher é denegrida barbaramente
Por este tipo de mulher
Que, coitada, talvez nem saiba o que quer
Pensa que é o guru do imaginário e da alma masculina
O poder controlador de toda nossa adrenalina
E o pior é que consegue
Não é difícil encontrar um homem que se entregue
O homem está sempre se entregando
A mulher, por mais que se entregue,
Está sempre se guardando

E vamos nós outra vez filosofando
Nas verdes uvas do desejo e da inveja
Embora aquele passageiro de uma agonia cultural que faz o macho desejar sem nem bem avaliar
Minha cara, não seja só um sexo ambulante
Mais vale ser um cérebro trepante
Um neurônio excitante
Tantos homens, porém, que não têm filosofia
Tanta gente que só tem alegoria
Você é uma linda mulher, mas será que você pensa?
Jamais te olharia como minha alma gêmea
Te olho no intelecto e só vejo uma fêmea.

Rio, 1996.

Copyright

Enquanto espero o fogo

(para Joelma, para Vera Reis e para as citações incidentais)

A música fala de luva
E eu me sinto a própria mão
Sensualmente entrando pela vida
Gozando ou não, não importa
O que importa é o fazer, fazer eternamente
Repetidamente, incessantemente
(Não sei por que a mente me persegue)
O mundo confunde minha sensualidade
Com o sexo pernóstico
Mas eu sou, no fundo e para sempre, um agnóstico
Que só acredita no que vê
E só sente o que lê
Pois que o grande poeta é o exato escritor do interior
Contanto que não seja tão óbvio
E que tenha o sentimento móvel
(Você vê, pessoa, que vou tentando a rima)
(E no entanto, deus, recuso-me a ir pra cima)
Quem escreve só escreve por catarse
Pra dizer das frustrações, pra sublimar as emoções
O escritor é um recalçado
Que não viveu a fantasia do que lhe inspira a boemia
Passa um homem com um saco de carne
Fedendo
Passa uma criança com a imaginação
Ardendo
Passa uma mulher, com um homem e seu sexo,
Fervendo
E ninguém prevê a ambiguidade
Talvez por causa da idade
Passa o garçom, passa o garagista
Passa a humanidade e não passa a conquista
Será que um dia vão me interpretar, me dissecar, me avaliar?
Me comparar, me exaltar, me destruir?
(Valeu, Bob!)
Será que alguém vai perceber o meu sentir?
Meu carro é sujo, a casa é suja, o ser é sujo
E a minha alma se encolhe – um caramujo
A mulher gorda, a mulher magra, o ser em chamas
O homem velho, o homem novo, ó tu que clamas
O perdão da prostituta é o homem de bem
(E aliás sou apaixonado pelas putas)
O religioso que fode e diz amém
Na hipocrisia redundante da sacristia
E do além
No mas contudo, na repulsa, na desculpa do porém
Que todos nós temos a tentação
Que todos nós tentamos
Mas todos nós amamos
Dos gregos aos troianos e baianos

[professora, você errou, mas eu te perdoo
o meu final, tão comum, foi um esquema
de rima pobre, me desculpe, um engodo
a solução, inusitada, de um problema
e o demais, e o durante e a ideia?
não foi talvez a tentativa, a utopia
da palestina arredondada na judeia?]

A menina limpa a mesa com a boneca
E no seu minivestido já prenuncia a sapeca
Pois a mulher evoluiu
Mandou o homem pra puta que o pariu

[a rima foi proposital, professora, uma homenagem à
imbecilidade masculina do século vinte que não merece
rima que ateste ser imbecil]

E por isso as janelas se fecham às possibilidades
Os louros esmorecem no asfalto

[what the fuck does it mean?
crimson pain at the seam]

Se eu pudesse te dizer, amada minha,
O que sinto,
Mesmo que fosse
Na cabeça do meu pinto
Sentir-te-ias a mulher cobiçada
Tentar-te-ia a besta alada
E não perceber o soneto que te fiz
Nas linhas sobre
O que tudo isto diz
Então é tempo de discorrer sobre os acontecimentos vindouros
Sobre as folhas que caem, sobre as bermudas que entram
Sobre a poesia que antecede a discussão do futebol
Perspicácia de uma aleivosia literária e singela
Apocopando o ritmo em que o métron se recusa a acreditar
Determinante torpe
Ocorrência insossa
Abrangência infinda do tesão da moça
Toda a literatura universal
Possui a incongruência do sangramento mensal
O filho que não veio
A paixão que vem do seio
Acho que você não vem
Mas também
Quem mandou acreditar
Na raiva e vingança de alguém?

Ainda uma loucura*(para HPO, Hilário e Arnaldo)*

Não amigos,
Ainda não é a hora
Não sei se teria coragem de me atirar do penhasco
E resistiria se tentassem me empurrar
Mas o dia chegará, é inevitável
O desejo do fim é irrecusável
A existência se dilui em me consumir de prazer
E o prazer da existência se consome em minhas horas de trabalho
Será que vou ser um van gogh da poesia?
Uma cassandra do verso agoniado?
Entalado?
Amo tanto a rima
A tinta
Com que se pinta a palavra
Que é a fotografia escrita do pensar absoluto
Pois o ser da arte é ousado
E excitado
O artista é o ator na tela da imitação do mundo
E como tal se permite a loucura
Ainda uma loucura a mais
Tudo por um momento de poesia desfrutável em sua arte
Retratável em alguma parte
Os dias fundem-se nas noites
E as noites esgotam-se nas manhãs
Azucrinadas
Irritadas
Cansadas e descompensadas
A vida é um eterno lutar contra a necessidade da labuta
A procura de um momento onde escrever
A vã espera de gozar a ilusão de qualquer felicidade
E nesta idade,
O conformar-se já fica mais difícil
As equações do passado
As perguntas, as metas e as batalhas
Vão se transformando em invisíveis mortalhas
Já não existem mais segredos
São de casa já os medos
A alegria reina em um universo bem distante
A agonia sobrepõe-se a qualquer monotonia
A morte vai se aproximando mais visível de nossa vida
Apresenta-se na lida
Na carne carcomida
A agonia, dizia,
Vai cheirando a uma tênue mas indisfarçável loucura
A mesma loucura de sempre
Ainda uma loucura
A loucura do jovem é desvario, é ambição
A loucura do velho é calafrio, é frustração

Não amigos,
Ainda é só um desejo
Não tão vago e importuno como antes
Já se esboça como possível solução de um problema ascendente
Revestindo-se da vida em sol poente
Ainda não é certeza absoluta
É somente uma ideia obstinada
Não é, decerto, a linha da costura
É ainda e só uma loucura.

Rio, 1996.

Copyright

Sentido Mudo*(para V. B.)*

Vera
São tantas e no entanto é só uma
A amizade é um pólen fatal
Na verdade, um veneno mortal
E é tanto a dizer
O mundo inteiro ainda por fazer
A distância, o exagero, a discussão
A constância, o esmero, a proteção
Divagar abertamente sobre o fraternal espírito que une os seres humanos
Pode gerar sérios enganos
Mas a verdade é uma só
São muitas letras que dizem tudo
As rimas e a poesia com seu sentido mudo
Assim como a laranja entre as laranjas
Que mata a nossa sede
Às vezes a inspiração do poeta é confusa
Sua obra se distorce em linha obtusa
O lá e cá da arte pode ser no fundo a sua essência
A resposta ao questionar da existência
Quem ama não esquece
Mesmo quando a respiração fenece
No dizer escrito vai a mensagem interior
Que a voz às vezes tem vergonha ou medo de levar
Vai o falar apaixonado, revoltado ou ponderado
A certeza do amigo já diz tudo
E um no outro rimando com seu sentido mudo.

Rio, 1996.

Ode aos Impressionistas

Arte
Abusada
- levanta a saia dela! -
Recusa-se a ser
Bem comportada

Rio, 1996.

Copyright

A lágrima do vinho e da poesia

A noite se fez verso
Na mente do poeta
O vinho consagrou
A mulher abençoou
E de inspiração orvalhada pela janela enluarada
Nasceu mais uma palavra intuída
Sentida
Aprendida e sofrida
Pois sofrer é viver no limite do desejo
E o desejo é a razão da incumbência de viver
Viver na espera e na certeza de morrer
Sem se entregar
Sem jamais desfalecer
É o falido que não perde a imponência
É o bêbado jurando abstinência
Viver é o que importa
Seja a hora alegre ou triste
Seja a linha reta ou torta
Contanto que sempre pingue uma lágrima salgada no papel
Que deixa sua marca
A prova do coração, da energia em tropel
A centelha, o gás e o vapor
O questionar e retratar com ardor
Que é do artista seu mais caro e necessário troféu.

Rio, 1996.

FEMINAE

Conheci uma mulher
Mas ela não me quer
Talvez porque eu sou pobre
Talvez porque eu sou rico
E assim se vai vivendo
Às vezes somos vale
Outras vezes somos pico.

Rio, 1996.

Copyright

AMORES

Enredado
Usado
Abandonado

Desejado
Cortejado
Abençoado

Desposado
Enforcado
Apedrejado

Enfeitiçado
Abobado
Desfrutado

Calejado
Renegado
Enlutado

Desregrado
Embebedado
Recuperado

Enojado
Acovardado
Enxovalhado

Obcecado
Devorado
Realizado

Apaixonado
Retribuído
Eternizado.

Copyright

Saia justa

Se fosse mulher, seria puta
De saia excitantemente curta
Compraria um enxoval
Com o desejo do mortal
E seria apaixonada
Pela noite incendiada
E amaria o meu homem como se ele fosse único
Seria outras longe dele
Seria eu mesma para ele.

Rio, 1996.

Copyright

Medo Infundado

As mulheres têm medo da puta
Protegem seus maridos
Em seus braços combalidos
Porque ela é ela mesma
Ela não põe mesa, deita-se nela
Ela não finge ser pura, é uma bela cadela
As mulheres têm medo da puta
Porque entendem no fundo sua luta
Querem ser o que ela é
Dão a face, mas não conseguem dar o pé
A puta, já por sê-lo, liberou o seu desejo
E em o sendo, libera os desejos do parceiro
A puta não é pura, a puta não esconde o sentimento
A puta não tem medo
Seja tarde ou seja cedo
Ela é o agora
O amor de toda hora
E no entanto, apaixonou-se, mais do que outra qualquer
No fundo é sincera e mais honesta
A puta em fim de contas é mais gente e mais mulher.

Rio, 1996.

Copyright

CARPE VITAM

Não quero saber de palavras jogadas ao vento
Nem de amores saboreados ao relento
Quero verdades e o tribunal de uma só razão
Não me interessa a eternidade de um romance
E sim a intensidade eterna de um momento de paixão
O amor que é sincero abdicar
Deixando o ser eternamente se inflamar
Chega, não quero saber de mim e de você e de vocês
Que você e vocês dentro de mim
Basta de agruras
Vamos fazer mais travessuras
Sair gritando pelas ruas
Tomar banho nus em plena chuva
Cantar para a amada na janela
E buzinar ou então bater panela
Deixemos de pós-neo-contra-ex-revolução
Chegou a hora de rimar nuvem e tição
Quero vestidos levantados
E shorts arriados
Quero amores verdadeiros
Em meio a pensamentos desordeiros
Precisamos ser nós mesmos um minuto
Sem pagar ao analista seu tributo
Quero ser de mim o meu carrasco
Preciso ser racional e galhofeiro
O meu guru, meu repressor e conselheiro
Quero me ver em ti
E sentir você em mim
(Que se danem os pronomes!)
Estar presente em tua loucura
De gostar que eu também seja louco assim
É preciso libertar
Desamarrar
Desorientar
É necessário atacar
Comemorar
Desesperar
Quero liderar o movimento da poesia redentora
Da negação a esta vida repressora
A rima é antiga
Mas é amiga
Vamos lá
A vida não pode se acabar
Sem se corar
A poesia é o samba das palavras
Emoldurando o pensamento mais profundo
Sejamos todos os artistas de nós mesmos
Os poetas de um novo e belo mundo

Não quero saber da pregação dos evangelhos
Nem do medo de que vamos ficar velhos
Quero morder a vida
E cuspir os caroços de toda resistência
Sem qualquer interferência
Canto a vida, os fatos, os prazeres e os amores
Faço verso da alegria, da tristeza e dos temores
A vida está nos bares
Nas calçadas e nas casas
A vida é de nós que temos asas
A vida se faz vida quando entregamos corpo e mente
É a nova era do ser que pensa e também sente.

Rio, 1996.

Copyright

Me permita...*(para Vanda)*

Você me excita
E me evita
Você me excita
E me irrita
Você me excita
E me levita
Você me excita
E me agita
Você me excita
E me habilita
Você me excita
E é bonita
Você me excita
E é maldita
Você me excita
E me medita
Você me excita
Minha desdita bendita
Você me excita
Catita, cabrita
Você me excita
E me recita
Você me excita
E me explicita
Você me excita
E me fita, aflita
Você se excita
E se conflita
Você se excita
Admita.

Rio, 1996.

Trechos de um grande poema

De tanto ouvir
Fiquei com o ouvido skankarado.
Que bom.

→

O problema
É que não olho as pessoas,
Olho os seres.
Deixa pra lá;
Vai dar muito trabalho.

→

Sou sensível sim,
E daí?!
Mas você,
Que é bom,
Continua lá.
E eu aqui.

→

Quero uma mulher que me diga
Vou te amar para sempre
Jamais te trair
E nunca sair
Da tua vida
E eu juro
Que serei
A tua praga de amor enternecida.

→

No amor de fato
A paixão resiste
Um dia ou um ano
O 1º impulso subsiste
O grude do amor verdadeiro
Quem sabe o primeiro
Mas por certo o derradeiro
Não um mero amor corriqueiro
Mas aquele olhar
Eternamente certo.